

O BONDE

Diretor - Nemésio J. Sirio

Redator-chefe — José Farah

Gerente — Mangueira

Secretário — Rebelo

Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV

Ano I ————— ESAV, 14 de Setembro de 1946

————— Número 31

Acusação injusta Aos Moços da Polêmica Excursão do S2

Domingo, primeira sessão. O recinto do cinema, está quase vazio.

Mas os melhores lugares têm um lencinho, uma bolsinha, como dizendo que está vago, mas que há um pretendente que talvez virá ocupá-lo.

- Está ocupado, senhorita?
- Está ocupado.
- E este?
- Também está ocupado:
- E aquele?
- Também está!

— Será o Benedito? Não vejo ninguém e os lugares estão ocupados!

Com custo consigo uma péssima cadeira lá no fundo mas, felizmente sem o malfadado lenço.

— Sim senhor, será que em todas cidades é a mesma coisa, ou é em Viçosa somente? Será que estas mesmas pessoas costumam reservar os lugares, quando vão ao Metro ou São Luiz?

Não gosto de falar mal e nem de insinuar, mas que impressiona mal não resta a menor dúvida.

Seria muito interessante que se movesse uma «campanhãzinha» contra esta inobservância de regras rudimentares de disciplina e de educação, a começar por nós aqui da Escola.

Há dias ouvi um murmúrio, sobre este assunto, por um grupo de senhoritas que iam assistir ao filme desconfortavelmente sob os ventiladores laterais, como se os esavianos fossem os únicos a incorrerem no artigo.

— Protesto. Não é justa esta acusação.

O. A. M.

Infâmia

Aquele professor de Horticultura fala muito em cavalos e cavaleiros...

— Sim, porque ele é sócio do Joquei Clube.

Aceitem os meus cumprimentos. A polêmica tem uma finalidade dupla, altamente instrutiva. Justamente por isso eu os cumprimento. Vocês, dentro do terreno da pena se degladiam e nós como espectadores ávidos por cenas calorosas, nada mais fazemos que lêr, vendo em cada réplica um golpe de lutador destemido. Interessante é que, enquanto um dos litigantes, o snr. Timbira, procura meios seríssimos como uma consulta literária ou grandes filósofos para combater, o outro, snr. Mineiro, dentro de sua característica jovial, defende-se ou ataca com artigos simples, cheios de agulhadas, maliciosamente leves.

Temos assim, na arena, um lutador armado de lanças, escudos e até canhão; e outro, menos sisudo, sem lanças e escudos, repelindo o canhão com tiros de bombinhas de "S. João".

Este contraste agrada-me e eu aprecio tanto Mineiro como Timbira. Cada um com sua maneira própria de escrever, atacando ou defendendo.

Mas, meus amigos, às vezes, sem que pecebemos, nos enveredamos para outros caminhos e chegamos mesmo a desvirtuar a finalidade de uma polêmica. Somos todos de uma mesma comunidade, ligados por ideais idênticos. E vocês já notaram que, do calor da sua luta, começa aparecer uma chamazinha ameaçadora? Por que então vocês (não tenho nada com isso—é apenas uma "piruada") não chegam a uma conclusão e deixam de oferecer fitas para cabelo, brincos, etc.

A continuar assim, prevejo altas descobertas e se a moda pegar, não tardará termos uma Escola de homens, todos eles com brincos nas orelhas, fitas verde-amarelo nos cabelos ondulados, salto Luis XV e quem sabe, uma sainha bem justa e provocante, fazendo combinação com uma bluzinha branca decotada, realçando um cólo alvo e perfumado...

N. J. S.

A excursão do S2, foi um sonho que se transformou em realidade. Há muito estudada e planejada, foi por fim conseguida, graças ao esforço do professor e da turma.

Partimos dia 4 e após uma viagem um tanto ou quanto acidentada, que durou 17 horas, chegamos em Resende. Como era natural, os foras não faltaram. Jantando em Barra do Pirai, alguém virá-se e pergunta: "Maccarrão é Graminea"? Não é necessário dizer o que aconteceu. O Braga, virá-se para a turma e diz: "No proximo ano faremos uma excursão ENTEMO-LÓGICA". Simão estava gripado, e precisava tomar tres injeções, com espaço de uma hora cada. Como tinha de tomar o trem, pediu para dar as tres de uma vez.

Em Rezende fomos hospedados num hotel, por conta da Prefeitura que nos forneceu o onibus para o alto do Itatiaia. Devemos agradecer muito ao Snr. Prefeito, Dr. Otacilio Assumpção, ao Dr. João Villela, ao pai do nosso colega Ferraiolo, que nos facilitaram tudo que era necessário.

Visitamos o Ginásio D. Bosco, dirigido sãbiamente pelo Dr. Villela, o qual nos disse que preferia poucos alunos porque assim poderia conhecer-lhes melhor o caráter. Visitamos depois o Dr. Israel Franco Belga, Agrônomo por B. Horizonte, que nos proporcionou momentos agradabilíssimos. Em seguida, o Snr. Prefeito e a Prefeitura, onde tivemos ocasião de observar cousas interessantes.

No dia seguinte, fizemos uma visita à casa de Mr. Holmes onde tivemos ocasião de ver uma bela coleção de orquideas, cultivadas por um método novo e interessante, assim como diversos exemplares de nossa flora, sendo-nos permitido colher muita coisa. Nessa ocasião o Abobriinha, estava com um colete cheio de bolsos próprio para coleta de material. O Rodine virou-se para

c. 38/114

ela dizendo: "Isto é seu"? "Porque, você gosta?" respondeu o primeiro. E o Rodine: "Não havia feito para homem"? "Não sei, disse o Abobrinha, só você perguntando ao professor, pois isto é dele"! Visitamos à tarde a Santa Casa. Mais tarde partimos para o Parque Nacional do Itatiaia, a 32 km de Resende e a uma altitude de 820m. Lá chegados, fomos recebidos pelo seu dinâmico Diretor, Dr. Wanderbilt Duarte de Barros, agrônomo por Passa-Quatro. Fez algumas apreciações sobre o Parque e pediu-nos para plantar uma árvore, que ficaria como recordação da passagem da turma. Plantou-a o professor Chotaro. Trata-se de um Guatambú, madeira de lei, cujo nome científico é *Aspidosperma macrocarpum*, Marcius, da família Apocinaceae. A área do parque é de 120km² ou sejam 3000 alqueires, sendo criado como sentido de proteção à natureza, estando em parte relacionado com turismo. Ofereceu-nos um lauto lunch e levou-nos no caminhão do Parque, ao Repouzo Itatiaia (950m), onde ficamos hospedados. No dia seguinte visitamos a Cachoeira da Maromba a 1200 m, onde coletamos muito material botânico. O tempo chuvoso entretanto, estragou-nos um pouco os projetos, pois iam de caminhão à estrada mais alta do Brasil, a 2600 metros de altura, o que não foi possível. Vimos também a nova sede do Parque, muito bem construída e otimamente situada. Ai tivemos ocasião de ver uma pequena parte da maravilhosa coleção de insetos de um famoso colecionador, Zikan, que possui 80000 exemplares regionais. Visitamos após o Lago Azul formado pelo Rio Campo Belo, onde encontramos orquídeas e muitas Bromeliaceas. À tarde descemos para Resende.

Domingo visitamos a Escola Militar, monumental obra de engenharia, e também o engenheiro J. Ferreira Gomes, que nos mostrou um maravilhoso plano de captação das águas do Rio Negro para o Paraíba, afim de fornecer energia elétrica. Foi-nos oferecido depois, um ótimo almoço pelo Dr. José Ferraiolo.

Em Resende quase todos arranjaram uma namorada, principalmente brótos. Um colega, inventou um aparelho, o Brotômetro, cuja unidade é o volta.

E este aparelho funcionou maravilhosamente bem para alguns.

O Papangú, deixou um cadete na mão, e a menina provavelmente deve ter tomado um chá de Papangulina.

Tornou-se grande amigo da turma, o Dr. Luiz Acciole, organizador de exposições Agro-Pecuárias.

Na véspera do embarque, fomos à casa do Dr. Franco Delga, onde foi-nos oferecido um lunch. Num dos bolos feitos por sua filha, via-se com letras prateadas, ESAV. O Dr. Franco Belga, fez uma admirável palestra dando-nos ótimos conselhos, que muito nos ajudarão na vida prática.

Partimos no dia seguinte rumo à Escola, onde nos esperava alguma matéria acumulada.

CORUJA.

FOLHETIM DE AMOR RURAL

"MUJIK" OU "O CÃO QUE RENUNCIOU", POR MOMPTI.

Toda bailarina que se presa deve possuir um lulú com curso de especialização em trazer o chinelo na boca, para que a sua dama, quando regressar do Ballet com os pés doridos, não tenha o trabalho de procura-los.

ETamara Nicólaevna possuía um. Era Mujik, lulú comportadíssimo e de alto nível intelectual.

Entre Tamara e Mujik existia um perfeito entendimento espiritual e isto é necessário que saibamos para compreender a atitude de Mujik no final desta historia.

Eram inseparáveis. Durante as tournées, Mujik era a distração indispensável para que Tamara pudesse suportar os empresários, coreógrafos, cenanista et caterva, e para evitar a nostalgia dos Tchenezens e Podzois da terra natal.

Vivendo isolados, um para o outro, é natural que Tamara muitas vezes ouvisse os conselhos ditados pelo bom senso de Mujik. (alto nível intelectual).

Tal porém não aconteceu quando, em um tourné por S. Paulo, Tamara se apaixonou pelo coreógrafo Mischka Chaimovich.

De nada valeram os conselhos de Mujik a respeito, dizendo que Mischka Chaimovich era um rapaz boa vida e com várias namoradas em Viçosa.

Cientificado da inutilidade dos seus esforços, Mujik resolveu renunciar à sua afeição de cão. Um dia quando Tamara e Mischka trocavam beijos no sofá, Mujik (alto nível intelectual) foi pata sobre pata até a copa, encheu um copo de vodka, deitou arsênico dentro e bebeu calmamente como Sócrates bebeu cieuta.

LIBERDADE!

A. V. G.

Parece-nos que estamos atravessando uma época de balbúrdia. Por todos os lados vemos incompreensões. E' na velha e exangue Europa, onde se estuda a consolidação da paz; é em nosso país, onde se faz política com sangue novo; é na China...

Talvez se possa dizer: crise de após guerra.

Porém, se há balbúrdia, há, também, por todos os quatro ventos deste globo terráqueo, uma voz uníssona ecoando alto, bem alto para ser ouvida onde quer que se encontre um ente humano: Democracia!

A Democracia resolve tudo; é a panaceia do homem da era atômica. E, assim quando se quer referir á falta de liberdade, também se apela para ela. Democracia é a liberdade do homem sob os seus múltiplos aspétos. Falar, escrever... Nada de restrições á lingua ou á pena, desde que ela exista. Que analisem a palavra escrita e a falada, os outros homens que lêem ou que ouvem! Que digam estes se aquele que escreve ou fala está errado! Se merece o castigo pelos seus pensamentos errôneos; se as suas idéias devem ou não ser aceitas. Liberdade, também, de julgamento. Não só para o que tenta criticar construtivamente.

Eis pois, uma fórmula certa que se coaduna bem com os atuais anseios da humanidade: liberdade para criticar, liberdade para julgar... mas sempre Liberdade!

Ao longe ouve-se o gemido das balalaikas como invariavelmente acontece.

O espirito de solidariedade Esaviana é um fato. Quando não, vejamos o caso do Papangú que ficou "tramelado" e do Precoce, que ficou "Pranchado"...

Não é para falar mal da vida alheia, mas o Capadinho devia trocar a roupa de cama mais a meúdo, o Goaibada mudar de camisa, o Galocha, andar mais agrícola, o Congrega beber menos, o Tramela tremer menos e o Mané Carapina, dar mais foras...

POBRE HUMANIDADE

Uma pequena humanidade está vivendo sua vida "como Deus é servido".

Os homens trabalham no campo e têm fartura. São todos bons amam-se uns aos outros, auxiliam-se mutuamente. Pensam mais ou menos como Mr. Emmerson: "Viver, deixar viver e ajudar viver". As mulheres trabalham em casa e cuidam das crianças. Amam os maridos, tomando parte em suas alegrias e tristezas. (Quando acontece haver tristeza). Aliás todos crêm que "quando compartilhadas, as máguas são menores e as alegrias muito maiores". Os rapazes vão a diversas escolas, todos com o mesmo ideal — estudar para aprender; aperfeiçoar-se física e intelectualmente para poder substituir o papai que já está velho e cansado demais para atender aos trabalhos.

Aliás todos pensam como Monsieur Pasteur. "Feliz daquele que leva em si, um Deus, um ideal que lhe serve de guia; ideal de pátria, ideal de amor, ideal de arte. Eis aí as fontes vivas das grandes realizações. Em todas elas se reflete, iluminando-as, a luz do infinito". Enfim, numa expressão, essa humanidade pequena tem uma grande felicidade. Está sempre aperfeiçoando-se. É um povo forte, vivendo feliz em plena fartura. Depois vem a guerra. Chega de surpresa e vai fazendo misérias por aí a fora. É que certos indivíduos acham que suas ideias são magníficas notáveis, imparizáveis, etc. etc. e devem ser impostas a humanidade.

—Morte ao comunismo! Morte! berra aquele castelão lá do norte.

—Morte ao integralismo! revida aquele sulista não menos berrados.

Todos param por um momento sob o piso daqueles colossais brados mas como têm muito que fazer, não ligam importância. "Integralismo? — monologou aquele velho doutor, que vai receber o nono pimpolho de certo casal — Integralismo deve ser uma nova espécie de alimento. Não sei para que se já temos tanto. Hoje mesmo comi... Bem, devo apressar-me; a cegonha tem boas asas". Comunismo é o lobo que comeu um carneiro do compadre

Vão mata-lo"—explica-se entre lavradores

Durante muitos dias gritos, palavrões, ameaças, cruzam por sobre as cabeças daqueles homens laboriosos daquelas mulheres que amam os homens e das crianças inocentes, que são amadas pelos homens e pelas mulheres. Acusam-se mutuamente, indultam-se, desafiam-se. Então o Sr. comunismo entra em seus numerosos tanques de aço, em seus aviões a jacto, munido de suas metralhadoras, bazucas, lança-chamas, canhões, põe nos bolsos, algumas bombas atômicas e chama de Sr. Integralismo para uma briguinha. O encontro dos dois senhores dá-se no seio da pequena humanidade. É uma helacombe completa, infernalmente completa. Tudo perece, consome-se, exala-se naquele inferno de explosões atômicas. Até a terra fica morta. A camada de solo arável fica a dez metros e mais de profundidade. Não fica nada, nem um restinho de nada. Cidades, lavouras, hospitais, escafas, igrejas, nada fica; tudo vaporizado. Então os dois senhores voltam cada um a seu lugar para fazerem a toilette, atenderem ao estômago e descansar. Enquanto isto, nova humanidade vai aparecer no mesmo lugar, para ser destruída do mesmo modo, pelos mesmos senhores. Cada coisa tem sua tarefa e esta é a dos ISMOS. Destruir a humanidade.

O AGA

A ESAV EM GRANBERY

(DO ENVIADO ESPECIAL)

Participando das comemorações do 56º aniversário do Granbery, a AEE fez levar para Juiz de Fora os seus atletas afim de competirem com os daquele estabelecimento de ensino.

De antemão, diremos que os nossos colegas envidaram os melhores dos esforços para a conquista da vitória, muito embora não estivesse bem preparado para uma disputa esportiva daquela ordem.

A partida de vôlei não foi das mais movimentadas e para os nossos faltou alguma coisa... sorte, talvez. Também o Juiz concorreu para que não fôssemos os vencedores. Perdemos pela seguinte contagem: 13 x 15, 15 x 18 e 13 x 15.

Em compensação, no basquete vencemos folgadoamente. O nosso quinteto dominou tecnicamente e impôs-se pela contagem de 52 x 32.

Por muitas vezes o adversário desarticulou-se por completo. E, se os

QUE TAL NÃO SERIA SE...

O Rôlo perdesse uns quilinhos?
O Mangueira achasse alguns?
O Pai d'Égua fizesse a barba?
O Pepe chegasse aos 100 quilos?
O Morjnga baixar as azas?

Seria possível trocarmos...

O Rôlo pelo Santiviago?
O Babalú pelo Catita?
O Namésio pelo Taxinha?
O Matraca pelo Mané?
O Lorenz pelo Capadinho?
O Lavinas pelo B. Flor?
E o Precece pelo Latero?!!!

nossos cinco estivessem treinados na marcação de homem para homem, a vitória seria mais espetacular.

Em tenis ganhamos uma simples e perdemos outra. Na dupla perdemos. Cumpre-nos salientar aqui o adôr com que lutou o nosso tenista Couto, na dupla, frente ao "colored"—uma das melhores raquetes de Juiz de Fora que, indiscutivelmente, garantiu a vitória do Granbery.

Com o deirôta de volei e tenis era de se esperar que as cores esavianas se sentissem abaladas moralmente. Porém isso não aconteceu. E vimos no futebol... Era voz unânime de que seríamos derrotados. Fomos, em verdade; mas ela custou cara e, demos aos gramberrienses um susto que bem valeu a partida. No primeiro tempo dominamos. Os nossos onze homens eram onze leões em campo. Nem pareciam aqueles que em campos viciosos pouco disputam a vitória. Mas... Mas... o Juiz decretou-nos a derrota. Quebrou o moral do time apenas com os seus trilados. Quiz dar-nos a entender que tencionou evitar o jôgo bruto... E, assim ele alcançou o objetivo. Nossos jogadores não podiam "entrar" firme... e fãu.

O placard acusando 3 x 0 não refletiu a partida. E se a vitória fosse nossa, nada mais justo também. Perdemos um penalti e um nosso legítimo goal não foi marcado.

No atletismo saímos vencedores. Não com bons resultados, pois, no tocante ás corridas encontraram os nossos atletas péssimas pista. Fomos os vencedores das corridas de fundo e eles as de velocidade. Dardo, pêso, extensão, salto com vara e disco vencemos nós; altura venceram eles. Resultado geral: 64 x 61.

Dêvemos aqui relatar um fato que nos chocou profundamente. Foi a "chuva" de bagaços de laranja que a assistência gramberriense presentiu ao Lavinas e Galeno. Causa própria de futebol... Mas, desde que lá estivessem (como estavam) alguns responsáveis pelo esporte do Granbery isso devia ser evitado, embora não houvesse intenção da torcida em desagravar a nossa embaixada com aquela tão expontânea "manifestação".

Por fim, é do nosso dever, felicitar aos atletas que, com muita energia, lutaram ardorosamente pelas cores da ESAV, enfrentando ativo as adversidades próprias àqueles que competem em campo estranho. Um hurra! a eles.

SOCIAIS *

ANIVERSÁRIOS

Fizeram anos:

Dia 11 — O Agronomando Haroldo Alves Araujo, gerente de «Seiva» e esportista dos mais destacados da ESAV. Como atleta nota-se nele grande aversão pelos «bolachinhas» (Lavras), «andorinhas» (Juiz de Fôra) e demais azes da pista.

— Na mesma data, o Agronomando José da Silva Wolf. Em inglês wolf significa lobo... Cuidado chapuzinho vermelho!

Dia 12, Ivan B. Shalders, colega do S 4. Máxima popular. «Nos frascos pequenos estão as melhores essências». Entretanto existe outra que diz: «Os piores venenos estão contidos nos menores vasos». Onde permanecer, Ivan? Farão anos.

Amanhã, o Agronomando Avelino Costalonga, o alto, louro e simpático «costaquilométrica». Nos bons tempos ele lançava dardo... Agora só o faz nos incautos corações das «girls».

—Dia 16, o Agronomando Victor Diogo Guimarães—Certa vez encontrei uma onça...

—Dia 19, o Agronomando Glauco Olinger.

Aos aniversariantes os parabens de «O Bonde», com banhos de S. Pedro e cervejada no Gustavo.

π ADAS FÔRA

Dentre os projetos surgidos para o quadro de formatura do atual SS, foi proposto um que constava de uma cadeia (prisão). Os homenageados e agronomandos apareciam em cada espaço deixado pelas grades da janelas. Faltava porém, o Vitor Diogo — que estava dormindo.

Um outro projeto apresentado em forma de um silo aéreo, foi submetido á apreciação da turma, discutindo-se ligeiramente o mesmo. Foi aí que surgiu então, o palpite dum ilustre agronomando, por sinal muito chorão, que achou melhor fazer-se um silo subterrâneo...

E finalmente a última, por hoje, que é uma descoberta da alçada da Entomologia, conseguida á custa do Mané.

Explica porque razão os mosquitos fazem Zum... hum... hum... ao voar.

Dizem que ele teve que dormir no mato e tinha somente uma toalha para se cobrir. Porém, havia muito mosquito e, se cobria os pés, a cabeça ficava á mercê dos bichos. Se tapava a cabeça as patinhas ficavam de fóra. Por fim resolveu deixar resguardada a cabeça. Uma manada de mosquitos avançou logo no mimoso pezinho. Pousaram, cheiraram e desde então, andam a fazer zum... hum... hum....

C. C.

Réplica Número Quatro ao Senhor Mineiro

Excelência

Li o seu *cômico, infantil, micrométrico*, e vasio artigo.

Digo *cômico*, porque S. Excia. o escreveu em estilo de comédia, a qual tão bem revela os pensamentos que polulam em sua imaginação exótica.

Digo *infantil*, porque V. Excia. somente expôs argumentos que seriam julgados naturalmente de *bons*, quando apresentados por uma criança de sete anos de idade...

Digo *micrométrico*, porque S. Excia. o escreveu tão diminuto que está aquém do limite mínimo admitido a um colegial qualquer para fazer uma redação simples de português em prova mensal...

Digo *vasio*, porque S. Excia. não apresentando nenhum argumento digno de nota, dá bem a impressão de ter submetido o seu artigo a uma misteriosa máquina pneumática, deixando visível, apenas o títu e o pseudônimo, sendo que este último, *lamentavelmente*, continua deixando oculto o nome do venerável autor.

Sempre respondo aos seus escritos abordando o pouco que neles se contém. Escrevo diretamente e não *em torno* dos artigos...

Pelo menos eu, estou percebendo a situação de desespero e revolta com que S. Excia. vem suportando esta *polêmica* (se é que não estou escrevendo sozinho), apenas por *honra da firma*.

O seu patente cansaço, consequente da luta tremenda que está suportando, bem pode ser comparado ao naufrago que em oceano, exausto da luta, vendo se irremediavelmente perdido, agarra-se sofregamente gripando as mãos sobre pequenos sargaços, como se estes fossem suficientemente capazes de salvá-lo... Assim o está fazendo S. Excia. ao valer-se de *tudo* quanto, está às suas vistas para encontrar salvação. Será que comentários irrisórios em torno de «Mascara», «cavanhaque», «botas», etc., conseguem salvar S. Excia. dessa angustiada situação, ou contribuirão para torná-la ainda mais crítica ???...

Sobre a miniatura em prata do arado que usei na lapela, comunico a S. Excia., com muita satisfação, que estou fabricando outro idêntico para o mesmo fim. Desse modo maior, ainda, será o seu desprazer ao constatar esse fato. Sei que essa minha atitude muito o irá decepcionar, pois S. Excia. já demonstrou irrefutavelmente ao público, a *aversão* e quem sabe se até *alergia* pela presença da simples miniatura de um dos instrumentos mais úteis e indispensáveis na agricultura prática!...

Excelência (com toda a sua permissão para o aparte), no próximo artigo, é de toda conveniência «sem dar muita atenção á minha pessoa», que se acatele mais um pouco a escrever. Pois no plano elevado do seu nível social, nada se perdoa, e tudo o que se fala, escreve, ou pratica, é rigorosamente observado através das poderosas lentes de aumento espalhadas por todos lados... Portanto, muito e muito cuidado, Excelência. O meu caso e totalmente diferente: a

EMBAIXADA E EMBAIXADORES

Nada mais lauvável que as iniciativas em prol do desenvolvimento esportivo de nossa Escola. Estamos de acôrdo, não há dúvida. Que se realizem as nossas excursões. Estamos de acôrdo, não há dúvida. Que a turma vença ou seja vencida. Estamos de acôrdo ainda, e não há dúvida.

Porém o que nos leva e sempre nos levou a discordar foi a eterna escolha de homens para constituírem as embaixadas.

Passemos aos fatos. Recordemos as últimas olimpíadas universitárias mineiras.

Que foram fazer em Belo Horizonte um Maurício, um Nêmesio ou um Enxó? Nada. Quantos outros lá estiveram apenas para torcida? Muitos e de que valeu a torcida? Nada, pois apanhamos e não pouco.

Analisemos agora a fresca excursão a Juiz de Fora. Qual esporte praticaram os nossos colegas e amigos Acir, Claudio e Mauricio? Foram todos representar o Diretório? Já não havia na turma indivíduos esportistas capazes de desempenhar tal função? O Dalmo por exemplo.

E por que então, senhores da A. E. E., deixar aqui, na cêrca, um Gaminito que nunca faltou a treinos, um Espeto que sempre nos auxiliou nas redações esportivas, um Frevo esforçadíssimo e eficiente? Francamente, não os compreendemos. Onde está o espírito de justiça?

Por isso é que eu, admirador de nosso esporte, lanço pelas colunas de «O Bonde» o meu protesto. Protesto, não contra as nossas representações esportivas mas sim contra às escalações de nomes para integrá-las.

Que continuem as nossas excursões. Concordo e não há dúvida. Mas que a façam dentro de um espírito de justiça e não discordarei, podem estar certos.

Esaviano

classe inferior pouca coisa tem a perder.

Lembrando-me que S. Excia. não se sente bem com os meus artigos longos, fiquemos hoje por aqui.

Atenciosamente

Raymundo Brito Passos Pinheiro.

(TIMBIRA)

E. S. A. V., 1º de Setembro de 1946